

1 Introdução: Entrincheirado numa Tríplice Fronteira: Psicanálise, Poesia e Conhecimento.

*The very spirit of philosophical enquiry seizes
one province after another from the imagination,
and the frontiers of Art are contracted as the
boundaries of science are enlarged.
(F. Schiller, **On the Aesthetic Education of Man**).*

*La verdad como alumbramiento y ocultación
del ente acontece al poetizarse. Todo arte es como
dejar acontecer el advenimiento de la verdad del ente en
cuanto tal, y por lo mismo es en esencia Poesia.
(M. Heidegger, **El Origen de la Obra de Arte**).*

Gostaria de abrir esse trabalho afirmando peremptoriamente que sua semente foi plantada durante o meu percurso analítico¹. A poesia emerge na minha vida, como produção, articulada ao processo de associação livre e investigação do inconsciente sob a força da transferência. Desta forma, interrogar acerca da relação entre poesia e psicanálise atravessa a minha experiência pessoal com intensidade visceral. Essa mistura de honestidade intelectual e confissão se faz necessária porque a questão primordial, a ser desenvolvida aqui, não faria sentido se, nela, não se fizer presente a absoluta diferença, o impossível do outro que me tocou e toca, a partir e *trans-entre-inter-sub-per-meado* pelo mais próprio, íntimo e desconhecido outro de mim mesmo. Disso deriva a inevitável e incessante transformação e reescritura desse trabalho a cada leitura que merecer – seja por mim, seja por cada leitor que vier a fazê-lo, co-assinando-o.² Por isso, contrariamente ao cânone moderno, que nos lembra de buscar o estável e universal

¹ Faço referência acima de tudo à minha análise pessoal. Mas, incluo também os grupos de estudo, supervisões e a vinculação a uma instituição – o Instituto Cultural Freud – por um período de cinco anos, de 01/2001 a 02/2006.

² Nos diz Derrida: “A counter-signature is a signature which both confirms the first signature, the former signature, and nevertheless is opposed to it; and in any case it’s new, it’s my *own* signature [como autor de uma leitura]. A counter-signature is this strange alliance between following and not following, confirming and displacing; and displacing is the only way to pay homage, to do justice” (Derrida, 2003, p.10). Acredito que toda boa leitura seja uma re-escritura a qual envolve necessariamente uma traição ao autor.

quando se faz ciência, tomo como empreitada assegurar o lugar essencial do que não se rende às fórmulas e formas, às lógicas e matemáticas, mas que emerge sempre que nos deparamos com a questão do mistério de toda origem. Se existe algo a ser generalizado aqui é o indecidível do conhecimento³ e o fundamental papel da poesia na denúncia e costura desse devir incessante que caracteriza a *physis*⁴ e as possibilidades humanas de expressá-la (re)-criando-a.

Portanto, se esse trabalho apresenta um esforço acadêmico, o trabalho de rastrear e estudar uma determinada bibliografia, trata-se muito mais de um reconhecimento da importância e diferença do outro e não de uma busca por repetir ou redefinir conceitos estabelecidos ou, ainda, por estabelecer novas estruturas dentro ou fora do paradigma vigente. Optando por percorrer esse caminho clássico e responder às demandas da ciência moderna⁵, eu estaria afastando-me do que pretendi, aqui, estudar. O estabelecido é o horizonte a ser transposto sem que se trate de estabelecer uma nova ordem rígida, universal e fechada. Fazer isso, buscar estabelecer outros conceitos, seria romper os grilhões de uma clausura apenas para aprisionar-me numa outra. A estrutura permanente e subjacente, tomada como

³ O excesso de rigor num conceito, seja ele mais ou menos reducionista, porém buscando uma síntese, fecha portas. Os desdobramentos a partir do indecidível lançam questões àqueles que almejam o conceito rigoroso ou mesmo efetivo. Esse movimento do debate científico justifica em si mesmo a presença no interior da Academia de um trabalho que parte de um ceticismo teórico em termos do que, grosseiramente, costuma-se nomear como universalidade do conceito ou da verdade científica. Lembro-me de uma frase essencial de Camus no seu belíssimo ensaio *O Mito de Sísifo*: “O Absurdo é a razão lúcida que constata seus limites” (1942/1989, p. 66). Assim, o que está em jogo nesse trabalho é o ponto de contato entre poesia e psicanálise como formas de abordar o que não se torna presente e, portanto, não pode ser entificado, substancializado, conceitualizado, mas que nos lança a esses movimentos buscadores de conhecimento.

⁴ O termo *physis*, que tomo emprestado aos pensadores originários, parece-me melhor do que o termo natureza, marcado no discurso moderno por uma oposição binária com o termo cultura. A *physis* entendida aqui como emergência das coisas apresenta-se menos carregada dessa oposição – ou eu gostaria que assim fosse entendida. Prefiro pensar a articulação entre natureza e cultura através da noção derridiana de *brisura*. *Brisura*, aportuguesamento da palavra francesa *brisure*, implica numa articulação pela diferença. Desta forma, ocorre, simultaneamente, uma ruptura e uma juntura. Isso implica num desdobramento que não opõe natureza e cultura, sem, todavia, negar uma diferença. O conhecimento científico em sua coragem fálica recusa a *physis* como absolutamente outro. Talvez, por apontar para esse absolutamente outro, a psicanálise ainda sofra muita resistência por parte das “repúblicas” do saber e, para ser aceita, seja necessária uma entificação do inconsciente, cada vez mais objetivado e verificado pelo discurso das neurociências. Fique claro que o inconsciente o qual associa à poesia e à *physis* dos pensadores originários não aceita uma entificação ou estruturação total.

⁵ Paradigma vigente e ciência moderna são, neste trabalho, sinônimos. Em linhas gerais, trata-se do modelo de conhecimento oriundo da Revolução Científica do século XVII, marcado pelo racionalismo, mecanicismo e empirismo que desembocaram no Positivismo Lógico.

representação efetiva do real e não como simples instrumento teórico para um entendimento possível e localizado, é a ilusão a ser superada. Por outro lado, não acredito estar rompendo paradigma algum com essa postura. O que ora apresento já vem batendo à porta do estabelecido e da ordem do discurso há tempos. Contudo, como vivemos um momento de crise epistemológica, numa dificuldade de superação do fracasso parcial da modernidade⁶, espero acrescentar algo na direção de um novo lugar epistemológico para as ciências no campo das chamadas Humanidades e, principalmente, discutir a questão do conhecimento no ponto de convergência entre poesia e psicanálise.

Por que os psicanalistas, em sua maioria, valorizam o poético? E por que, muitas vezes, mesmo que não se trate da produção de versos, as pessoas em análise resvalam ou fincam raízes na poesia? E, antes de mais nada, por que Freud nos recomenda indagar aos poetas para irmos além do seu saber de psicanalista? Por que Lacan nos diz que é o artista quem desbrava o caminho para o psicanalista? Essas perguntas entremeadas, intrincadas numa armação complexa, atravessadas pela importância que escrever poesia e sentir poesia possuem na minha experiência há mais de uma década, são o próprio questionamento que causa e move esse trabalho. O que o poético nos ensina sobre o epistemológico? E sobre o objeto epistemológico da psicanálise? E sobre a forma de conhecer da psicanálise?

Infelizmente, não posso aqui – nem teria competência para isso - retrair o percurso epistemológico do ocidente e tentar entender a relação entre o poético e o filosófico/científico a cada contexto de produção de conhecimento. Investigar o lugar do poético em relação a cada momento do discurso oficial do saber seria uma forma de tentar estabelecer e caracterizar como **essencial** a vocação subversiva e rebelde da poesia pela própria impossibilidade de defini-la plenamente. A poesia

⁶ Especialmente no que diz respeito à busca de conhecimento no campo das chamadas Humanidades, mas também em função dos “rombos” – o termo é de Boaventura de Sousa Santos no seu importante **Um Discurso Sobre as Ciências** – que abalaram, a partir do interior das chamadas ciências da natureza, o paradigma da ciência moderna. Esses rombos aconteceram em decorrência de novos conhecimentos que colocaram em questão postulados teóricos básicos sobre os quais se alicerçou a ciência moderna e que, de acordo com Santos (2006/1987), são: a teoria da relatividade de Einstein, a física quântica de Heisenberg e Bohr, o teorema da incompletude de Gödel e a teoria das estruturas dissipativas de Prigogine.

intensamente **é**, sem que possamos ou devamos, todavia, dizer o que ela **é**. Contudo, espero mostrar, no decorrer do trabalho, que os avanços da ciência moderna no seu conhecimento sobre a *physis* – transformada em natureza - vêm implicando também numa redução ou numa expectativa de redução do valor de verdade da poesia, sendo esta, portanto, excluída do campo do conhecimento oficial ou transformada em objeto do escrutínio racional com a fundação da Estética entendida como uma disciplina filosófica. A poesia, dentro dessa vertente, exprime um conhecimento, mas esse deve ceder à racionalidade científico-filosófica como lugar superior no percurso do espírito. Hegel é o grande arauto dessa **superação** da verdade poética pela verdade filosófica a qual para ele é necessariamente vinculada à verdade científica. O fato é que, desde Platão, a poesia ficou excluída – ou limitada, censurada, policiada - do campo oficial do conhecimento e do poder, e, ao mesmo tempo, a sabedoria popular sempre a consagrou e consagra **até hoje** como um lugar onde se apresentam verdades sobre a vida.

Por que o avanço da ciência diminuiria o valor de verdade da poesia? Por que o conhecimento estabelecido dentro do campo das ciências, com suas exigências discursivas e metodológicas, superaria a expressão poética das coisas da natureza no que concerne ao conhecimento? Se a poesia surge, como adiante tentarei expor, na obra de Vico (1999/1744), como possibilidade originária de resposta humana frente ao mistério da vida, e como filha de nossa ignorância perante este, tal condição deve fazer dela e da arte, esta entendida aqui, nas suas diferentes formas de expressão, como um desdobramento do momento poético, uma forma bruta ou tosca de conhecimento? A ciência seria uma superação do modo poético de conhecimento do que se apresenta aos sentidos como outro, como desconhecido, como enigmático? Ou, por outro lado, não será a vocação indefinível e indecidível da poesia, ao carregar, na sua (im)-**precisão epistêmica**, a (im)-possibilidade de determinação da origem do universo e da vida, um obstáculo ao discurso enclausurador que se funda com o estabelecimento do *logos*? O poético e seus devires seriam, segundo meu entendimento, a manifestação mais originária na busca por uma compreensão da vida, o ponto de desaparecimento do

ser, ali onde o verbo emerge como princípio sem origem determinável e, portanto, denunciariam pela sua força inenclausurável os limites da filosofia e da ciência. A poesia é emergência do ser, do desejo, da paixão e de uma ânsia visceral por compreender, que estão plenamente articulados na busca por uma compreensão do mundo que se faz enigmático e causa perplexidade e pasmo. O estabelecimento da ciência moderna não suprime a questão sobre a origem⁷ e é pelo retorno desse mistério, a cada momento, a cada local, a cada grupo e a cada pessoa, no nascimento e na morte, que a poesia se faz necessária como criação que possibilita conhecer. Não houve nem haverá superação do poético! Afinal, o animal humano não pode ser excluído dos seus processos de construção de conhecimento. E, estando incluído, não há como construir conhecimento sem a presença do poético, isto é, da sensibilidade, da intuição e da imaginação na relação com o outro, íntimo e estranho, próximo e distante, entremeando, entrelaçando, entrevendo e entrevisto, num jogar imprevisível.

E, considerando-se essa reflexão sobre a poesia, que fascinante ciência ou campo do conhecimento é esse, chamado psicanálise, que recorre à poesia para apreender ou melhor olhar seu objeto? Se a ciência e a poesia, na demarcação de suas fronteiras e territórios, afastam-se uma da outra, por que então Freud cita Goethe e Shakespeare incessantemente, mesmo estando imbuído do projeto de construir uma ciência dentro do cânone científico da modernidade? Por que nos diz que a interpretação de um sonho assemelha-se a uma frase poética? Que objeto do conhecimento é esse que insiste em escapular do discurso lógico e da objetividade, mas que se faz necessário e essencial quando o ser humano aceita aproximar-se das causas mais íntimas e limites mais viscerais de suas palavras, sentimentos e do próprio corpo? Que coisa é essa que não deixa apagar a diferença

⁷ Origem aqui não deve ser entendida como ponto inicial e externo de uma seqüência histórica cronológica e linear-causal, mas sim como emergência incessante do originário, que se re-envia, se re-apresenta, se re-inicia e se re-vela, sem jamais presentificar-se. Manuel Antônio de Castro aborda bem essa questão diferenciando origem e originário: “A origem é causal e linear. O originário não. Ele é como a fonte que alimenta sempre o rio, esteja em que altura estiver a sua correnteza, da nascente à foz. Originária é a Terra, que sempre é a permanente fonte de toda vida e de todos os viventes, inclusive nós” (Castro, 2004, p.19).

que inaugura a própria vida? Coisa que não se **desvela**⁸ na investigação laboratorial, nem nos exames mais modernos de nosso cérebro, nem através dos usos mais lógicos e racionais da palavra, coisa que não se mede, coisa que se grava, que se imprime como hieróglifo em nossos corações quando assinamos e tomamos como nossa a poesia que um outro⁹, contemporâneo ou pré-histórico, por simples presença ou gesto, olhar ou palavra, texto ou ruído, nos enviou!

Articular poesia, psicanálise e epistemologia mostrou-se uma tarefa com muitos caminhos, com muitos desvios possíveis, muitas vezes me confundindo nas pesquisas e fazendo com que eu mergulhasse em autores cujas obras em-si-mesmas já mereceriam anos de estudo. Obviamente, para resgatar-me desse turbilhão de possibilidades precisei de afiada cuchila para recortar um caminho possível. Mesmo que, como nos célebres versos de Antonio Machado¹⁰, trate-se de fazer o caminho a cada passo, a cada chegada do incessantemente a chegar, a cada instante, a cada leitura, a cada verso, sem sossego. Assim, atravessado pela perplexidade moderna de uma ordem fragmentada, reencontrei no caminhar desse trabalho o espaçamento que a morte de Deus¹¹, entendido como uma origem absoluta e inquestionável, exterior e definitiva da vida, nos (re)-lançou.

⁸ Ao longo de todo trabalho estará presente uma importante distinção entre des-velar e re-velar. O des-velamento pressupõe algo que se encontra por trás ou sob o véu. A re-velação é aqui entendida como a possibilidade de velar novamente o mistério. A re-velação supera, a cada vez, a metáfora que não mais funciona e oferece uma nova possibilidade de cortina ou véu diante do enigmático, absurdo e/ou misterioso, sem contudo pontuar um Fim ou garantir uma presença. É importante frisar que o mistério ou absurdo já são metáforas, pois não me parece existir, para nós, uma realidade separada da linguagem. Mesmo o nada ou a falta já são linguagem, sendo, portanto, parte de um jogo.

⁹ Esse outro pode ser o silêncio de uma rocha ou o pôr do sol, mas também um ato humano.

¹⁰ “Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino

sino estelas en la mar” (*Proverbios y Cantares XXIX*, Antonio Machado).

¹¹ Uma das pretensões da ciência moderna era responder às questões que Deus vinha respondendo durante séculos. Freud, num de seus momentos mais iluministas, termina seu livro sobre a religião com a seguinte frase: “Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar” (Freud, 1927, p. 71). Assim, reconhece os limites da ciência, mas afirma que encontrar as respostas em Deus é uma ilusão.

Espaçamento para o qual a chegada do poético é, desde Homero¹², um remendo, jamais uma plenitude, mesmo que possa, em alguns momentos, ter assumido o lugar de uma revelação definitiva, isto é, de um desvelamento. Afinal, é como palavra divina que a poesia surge; mas, que poético é esse que insiste em re-velar, em velar novamente, especialmente nos momentos em que as figuras da certeza absoluta, sejam as religiosas, sejam as científicas, mostram suas fraturas e ilusões? Esse espaçamento originário - que a religião e a ciência desejaram suturar- é o fosso cuja aliança filosófica entre a voz e a verdade positiva do fenômeno, entre a racionalidade e o conhecimento, entre a representação e a coisa, denunciada por Jacques Derrida (2004/1967), tentou eliminar desde a instauração do discurso filosófico e sua pretensão de alcançar verdades estáticas, universais e eternas, isto é, ideais. Contudo, a sensibilidade ao que do outro denuncia a verdade desse espaçamento é o próprio lugar da poesia e seu modo de conhecer. O conhecimento não pode ser verdadeiro se exclui a existência e seu mistério, ou melhor, tal conhecimento objetivo fornece tecnologia e cimento, mas não possibilita ao ser humano habitar seu corpo e sua casa, seu próprio mais desconhecido e essencial.

Assim, minha proposta inicial era retrazar o percurso epistemológico no âmbito da filosofia que, no dizer de Heidegger¹³, é e só pode ser ocidental e oriunda da Grécia, circunscrevendo os seus principais modelos epistemológicos, isto é, os diferentes momentos e figuras do sobre como conhecer as coisas da *physis* e como validar esse conhecimento. Retrazendo esse percurso eu esperava deixar nítida a subversão empreendida por Freud, mesmo ele buscando ser um cientista nos moldes do paradigma moderno, ao formular a noção de inconsciente.

¹² E possivelmente desde antes de Homero. Contudo, este, por termos acesso ao seu legado, apresenta-se como origem possível de ser historicizada da poesia. A origem impossível segue (*a*)-*presentificando-se* a cada novo poetizar. Sobre a possibilidade de ter havido poetas antes de Homero, nos diz Vidal-Naquet: “Houve poetas épicos antes de Homero? Muito provavelmente sim, mas nós não temos meio algum de conhecê-los. Houve poetas épicos contemporâneos dos autores da *Iliada* e da *Odisséia*? Não há nenhuma dúvida” (2002/2000, p. 127).

Fica a ressalva de que a poesia pode ter sido, em alguns momentos, veículo de uma divindade única se entendermos que o texto sagrado é dogmático e não poético. Se a palavra de Deus abre-se ao múltiplo, *Deus* torna-se *deus*, isto é *physis*, e a palavra sagrada torna-se poesia.

¹³ “O velho nome ‘filosofia’ aparece no âmbito do começo do pensamento ocidental. No modo grego de pensar significa: amizade pelo que constitui o a-se-pensar. (...) Em sua essência a ‘filosofia’ é tão originariamente ocidental que carrega dentro de si o fundamento da história do Ocidente” (Heidegger, 1943/1998: p.17).

Tal subversão aponta os limites de todo conhecimento construído pela consciência ao afirmar que “*o eu não é o senhor da sua própria casa*” (Freud, 1917, p. 178, grifos do autor). Emerge conseqüentemente a pergunta: como se valida um conhecimento após a descoberta do inconsciente? E de que lugar brota o saber poético se ele abre caminhos para os psicanalistas? Ou ainda, onde se encontram poesia e psicanálise?

Se a epistemologia delimita e formaliza os modos para alcançar e validar um conhecimento como verdadeiro, a psicanálise veio abalar seus cânones estabelecidos, ao longo de 25 séculos, desde a fundação do discurso filosófico por Platão que aconteceu após a ruptura empreendida pelos filósofos originários, chamados pré-socráticos, com o pensamento mítico. A dimensão do poético foi convocada por Freud em diversos momentos da sua elaboração teórica e esta carregava uma semente de ruptura com o discurso filosófico e científico ocidental¹⁴. O poeta abre caminhos para o psicanalista nos diz Freud (1907) no seu trabalho sobre o romance *Gradiva* de W. Jensen. Teríamos aí uma reedição do que Vico (1744) sustenta ao afirmar que a sabedoria poética é a dos sentidos e a sabedoria filosófica a da razão? Sendo a primeira condição de possibilidade para a segunda?! Isto é, aonde os sentidos chegam primeiro, depois pode chegar a racionalidade? Ou seja, abre o poeta caminhos em decorrência de sua sensibilidade e imaginação? Pode a razão adentrar todos esses espaços do coração? Não é essa concepção prisioneira de um dualismo caduco entre uma mente racional e um corpo sensual? Entre razão cerebral e emoção visceral? Entre um pensamento arrogante que se coloca fora ou acima da natureza e a própria existência do animal humano na *physis*?

Assim, se a psicanálise coloca em questão os modos tradicionais de afirmar um conhecimento ao apontar para uma “outra cena”, fora da consciência, mas tendo efeitos diretos sobre esta, trazendo, portanto, toda uma nova concepção de intencionalidade e causalidade, podemos afirmar que ela torna necessária uma

¹⁴ Carlos Plastino (in Santos, 2006/2003), utilizando-se da palavra empregada por Boaventura Santos, considera a psicanálise o quinto “rombo” no paradigma da ciência moderna.

reflexão epistemológica¹⁵. Se a poesia abre caminhos para a compreensão do inconsciente, ela deve poder nos ensinar algo sobre o próprio lugar epistemológico da psicanálise, algo sobre esse saber que envolve na sua construção um desconhecido sempre presente, um objeto que retorna, íntimo e estranho, a cada chegada do outro na sua insistente e irreduzível diferença. O poético se faz necessário sempre que a ignorância se apresenta ao bicho humano, e pode haver maior ignorância do que aquela referente à própria origem e ao próprio corpo, no ponto mesmo onde a estranheza, pelo esvaziamento do sentido, conduz à perplexidade e convoca a sensibilidade e a imaginação?

Contudo, a tarefa de articular esses termos, desde a *epistémè* dos primeiros filósofos, mostrou-se hercúlea e ampla demais para um trabalho de mestrado sem um foco que circunscrevesse a um momento específico a articulação entre psicanálise, epistemologia e poesia. Ao invés de navegar pelos mares da epistemologia desde o momento pseudo-originário em que Tales de Mileto formulou um *arkhê* não mítico para a existência de todas as coisas até os debates, ao longo de séculos, sobre como fazer ciência e, depois, inserir Freud e a poesia nesse percurso, foi necessário, para evitar leituras apressadas de autores importantes para o campo do “como conhecer e validar o conhecimento”, restringir o debate a um certo ponto desse percurso. Foi necessário, por assim dizer, um recorte bem delimitado da questão a ser desenvolvida.

Desta forma, a dissertação possuirá quatro partes principais na tentativa de investigar essa questão dentro de um percurso circunscrito. Na primeira delas discutirei brevemente o estatuto do poético. Nessa parte não terei a pretensão de esgotar o vastíssimo campo de estudo da Poética e da Estética, mas sim de situar a minha visão sobre o poético após revisar alguns trabalhos nessa área. Na segunda

¹⁵ O próprio Freud almejava estudar as relações entre a epistemologia e a psicanálise, isto é, refletir sobre os impactos de sua *práxis* na concepção de conhecimento e construção de saber vigente. Nos diz Plastino (2003/2006): “O impacto da descoberta do inconsciente e de sua forma específica de operar sobre a problemática epistemológica não escapou à percepção de Freud. E, embora não tenha dedicado a essa questão nenhum estudo sistemático, tinha desde cedo a convicção desse impacto, como mostra sua declaração de ter “o vislumbre de uma idéia para um estudo sobre o problema epistemológico do inconsciente” (Freud-Jung, Carta do 01 de julho de 1907, 1976:112)” (in Santos, 2006/2003, p. 446).

etapa do trabalho, já munido dessa **definição**¹⁶ do poético, vou apresentar alguns trabalhos de Freud nos quais podemos vislumbrar um questionamento epistemológico articulado ao uso que o psicanalista faz da poesia em sua obra e à afirmação do inconsciente. Na terceira parte debatarei a leitura que o filósofo franco-argelino Jacques Derrida empreendeu da obra de Freud a partir de suas concepções sobre a escritura e a diferença e também suas reflexões sobre a pulsão de morte, a noção de arquivo e a de *animot*. Por fim, no momento do exemplo, utilizarei o encontro entre Lacan, um psicanalista, Derrida, um filósofo atento às questões que a psicanálise *impôs* à filosofia¹⁷ e Edgar Allan Poe, o poeta cujo conto *The Purloined Letter* é utilizado para um debate sobre o estatuto estrutural do inconsciente. Afinal, as cartas podem extraviar-se? Podem não chegar a seus destinos? A poesia é o próprio motivo desse extravio? Como afirmar um conhecimento poético sem com isso arruinar a força disruptiva e disseminadora da poesia?

¹⁶ Definição que porta em seu seio uma recusa a toda definição permanente, estável, universal. Uma definição contraditória de saída. Não tenho o desejo nem a pretensão de que Poesia se torne um conceito fundamentado numa sistematização rigorosa. A precisão poética é caleidoscópica e relaciona-se com a criatividade e não com a argumentação rigorosa/filosófica.

¹⁷ E a si mesma!